

# **A Acção Terapêutica em Grupanálise (Interpretação e outros instrumentos de mudança)**

**Autora:**

**Sara Ferro**

Médica Psiquiatra; Grupanalista

Membro Didacta e Presidente da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e  
Psicoterapia Analítica de Grupo

(Trabalho a presentado no XII Congresso Nacional da SPG,  
na Escola Alemã de Lisboa, a 4 de Novembro de 2011)

## **INTRODUÇÃO**

O tema deste congresso centra-se na reflexão sobre a força da palavra como matéria-prima da actividade humana ligada aos processos de comunicação.

Com palavras se altera a realidade, se constroem crenças, se induzem comportamentos, se aliviam tensões. Se desencadeiam sentimentos, revoluções, se altera a essência do ser...

A força da palavra residirá em diferentes aspectos subjacentes ao processo de comunicação a transmissão de uma informação ou ideia em que símbolos e conceitos são manipulados por regras operatórias organizando um discurso que se pretende lógico-matemático havendo uma perspectivação do processo de comunicação com ênfase na transmissão de enunciados conceptuais; o uso de desvios desta prática permitindo que a palavra adquira uma espessura própria em que a relação entre símbolo e conceito seja por vezes incerta e só o conhecimento da situação em que se integra, as suas características rítmicas, o acento, e a forma de articulação, nos permitem a compreensão, de certo

modo o lado lógico e discursivo se apagam dando lugar aos aspectos físicos e afectivos da fala (esta a forma frequente de expressão poética).

Para nós grupanalistas a palavra é agente de comunicação, de compreensão, de interpretação e de mudança de funcionamento mental.

Supostamente na palavra, na fala, está implícita a noção de comunicação como transmissão de uma ideia. Mas quantas vezes as palavras servem não para comunicar algo, mas para manipular ou para permitir estar em relação com alguém sendo simplesmente o esteio por onde passa uma corrente comunicativa sem objecto? Quantas vezes as palavras nos atingem não pelo que significam, mas pela situação, pelo ritmo e tonalidade em que são proferidas?

Será apenas a palavra emitida como interpretação, fomentadora de trocas cognitivas e por definição no registo simbólico, a pedra de toque reveladora do nosso poder transformador como terapeutas? Que dizer do lado físico e afectivo da comunicação? D. Anzieu fala-nos da importância de um espelhamento sonoro, de uma pele auditivo-fónica (Anzieu, 1976/2001) que desempenha uma função na aquisição, pelo aparelho psíquico, da capacidade de significar e de simbolizar. Que dizer das ambiguidades do olhar, do seu valor estruturante nas trocas intersubjectivas? D.W. Winnicott põe em evidência a importância do rosto da mãe fornecendo à criança seu espelhamento (Anzieu, 1976/2001).

É considerando os aspectos referidos que, como grupanalista, nesta trabalho apenas pretendo partilhar convosco uma reflexão sobre o valor da interpretação como agente de mudança, face à ocorrência de comunicações a um nível não-verbal dificilmente mentalizáveis, sublinhando que o agente terapêutico poderá nestes casos, por vezes, não passar necessariamente pela interpretação.

Esta reflexão é tanto mais pertinente se considerarmos que em nossos grupos temos pacientes em que o processo de mentalização é deficitário e que o enquadramento grupanalítico tem especificidades que propiciam o seu tratamento.

## DA INTERPRETAÇÃO COMO AGENTE DE MUDANÇA (Aspectos históricos)

O inicial modelo freudiano da psicanálise consignava o primado do trabalho interpretativo.

Interpretar seria na sua essência o acto de sugerir e transmitir uma compreensão do fenómeno psíquico. Na conceituação psicanalítica do termo há divergências: para alguns estaria implícita a capacidade de provocar mudança estrutural enquanto para outros essa capacidade não seria necessariamente atributo de todas as interpretações.

A postura do psicanalista preconizada por S. Freud visava fundamentalmente a investigação do sentido latente das palavras e comportamentos do paciente e a sua acção estaria relacionada com a transmissão de interpretações ao paciente o que conduziria à análise da transferência, ao aprofundamento do insight, ao acesso ao conflito e à reconstrução das experiências precoces da vida do analisando num clima de neutralidade do analista, interferindo num nível mínimo a contratransferência. O aparecimento de variados tipos de psicoterapia posteriormente à psicanálise introduziu a necessidade de defender a técnica psicanalítica numa posição de radicalização da conceituação dos agentes de mudança. De algum modo os trabalhos de J. Strachey (Cortesão, 1998/2008) sobre o conceito de interpretação mutativa se inseriram nessa preocupação.

J. Strachey defendeu a exclusividade da interpretação mutativa na implementação do processo de mudança estrutural (Strachey, 1934).

A interpretação mutativa segundo J. Strachey corresponde a uma modalidade específica de interpretação transferencial que é feita no momento em que o paciente distingue o objecto transferencial do objecto real que o analista representa (Cortesão, 1998/2008) ocasionando mudança estrutural por facilitação do processo designado por introjectivo e em que de um modo fantasmático o indivíduo faz passar de “fora” para “dentro” (interior do aparelho psíquico) a representação de objectos (Laplanche & Pontalis, 1975).

Posteriormente foi-se compreendendo que no espaço analítico o processo comunicacional é complexo e a conceituação da exclusividade do insight analítico e da interpretação como agentes de mudança foram sendo gradualmente ponderados com a perspectivação da compreensão dos fenómenos psicológicos com enraizamento em métodos científicos advindos da área da etologia, da investigação dos processos de vinculação, dos estudos do desenvolvimento emocional mais precoce em bebés e com os aportes das neurociências.

Com o aparecimento de novas conceptualizações psicanalíticas assistiu-se a um transitar na perspectivação dos agentes de mudança da importância exclusiva da interpretação na transferência para a importância exclusiva no que o analista é e não no que diz ou ainda numa posição de conciliação destes dois aspectos.

Caminhou-se no sentido do alertar para a importância da inter-actuação analista / paciente, da intersubjectividade, da comunicação sustentada pelo estabelecimento de estruturas interactivas, os vínculos nos quais se efectivam transacções emocionais.

Foi-se defendendo:

- a) a situação interpretativa não como uma comunicação do analista “ ao” paciente, tal como, propôs J. Strachey (1934) e referem Laplanche e Pontalis (1975), mas “com” o paciente havendo gradualmente uma identificação do paciente com os processos de pensamento do analista, algo idêntico à identificação à função alfa descrita por W.R. Bion (Eissler, 1953)
- b) o valor da contra-transferência acentuando-se os fenómenos transferenciais e contratransferenciais como unidade dinâmica e dialéctica.
- c) a possibilidade do estabelecimento de uma Nova Relação que não a transferencial como agente terapêutico, estruturada numa base de empatia, autenticidade e de estabelecimento de vínculos de conhecimento e reconhecimento.

Os factos que mais contribuíram para estas mudanças relacionam-se:

- a) Com o aparecimento de teorias psicanalíticas que tinham seu fundamento não em inferências da vida infantil obtidas através dos relatos de pacientes adultos mas da observação directa de crianças.
- b) Com as polémicas em que as considerações freudianas acerca do narcisismo primário foram sendo contestadas (recordar as divergências apontadas por M. Balint em 1937 (Widlocher, 2000)).
- c) Com a valorização no espaço analítico de aspectos ligados à intersubjectividade e sua relação com as recentes teorias das neurociências, nomeadamente as conclusões resultantes dos trabalhos de investigação de D.N. Stern e seus colaboradores.

## **DO VALOR DA INTERPRETAÇÃO EM GRUPANÁLISE (Breve Referência)**

A grupanálise como a praticamos integra a conceituação psicanalítica do inconsciente (metapsicologia e teoria das relações de objecto), admite a possibilidade do estabelecimento da neurose de transferência e da sua perlaboração no grupo - a situação ocorre no decurso das interacções entre o padrão e a matriz do grupo (Cortesão, 1998/2008; Ferreira, 2005).

Ao padrão corresponde a função interpretativa da neurose de transferência. Como na psicanálise a “cura” relaciona-se com o tornar consciente o inconsciente. A mudança de funcionamento mental está dependente da eficácia da palavra veiculada com finalidade interpretativa.

E. L. Cortesão no seu conceito de padrão (Cortesão, 1998/2008) enfatiza as características pessoais do grupanalista e ao longo da descrição do processo grupanalítico acentua a importância da empatia como pré-condição, como factor sustente à interpretação mas não seu substituto conferindo à interpretação mutativa e à sua noção de interpretação comutativa no grupo, importância primordial no processo de mudança (Cortesão, 1998/2008). A

interpretação torna compreensível a discussão flutuante livre do grupo (equivalente à associação livre de ideias na Psicanálise), privilegiará o grupo na sua totalidade mas permitirá também o acesso à significação individual das comunicações.

Acentuamos, embora não desenvolvendo o tema, que em grupanálise não há consenso sobre a natureza do seu instrumento terapêutico nem sobre os seus objectivos (possibilidade ou não de estabelecimento da neurose de transferência e da sua perlaboração). São também apontados como agentes terapêuticos, o “treino do ego em acção” (Foulkes & Anthony 1973) e a estimulação deliberada da reacção de “procura de resposta” (Leal, 1990) em conceituações em que o cerne da teorização reside fundamentalmente na teoria da comunicação e da Gestalt.

## **DO SETTING GRUPAPANALITICO (algumas especificidades)**

A situação de grupo e em face a face intensifica as capacidades empáticas do terapeuta através de fenómenos de espelhamento e ressonância entre os pacientes e pela possibilidade de contacto visual (Nava, 2005).

Se considerarmos a empatia como pré-condição necessária ao exercício da prática analítica este facto coloca a terapia de grupo em situação de privilégio. Por outro lado é de considerar cumulativamente com o valor da interpretação a abordagem das trocas não-verbais processando-se por vezes a nível inconsciente.

Sobre a importância do contacto visual no decurso da terapia relato brevemente um caso descrito por D. Anzieu (1976/2001) que partindo da observação de um paciente em que o setting psicanalítico se revelou deficiente, optou por adoptar uma situação de face a face concluindo que nos pacientes em que a história pessoal é reveladora de carências precoces do ambiente em relação às satisfações das necessidades do ego, com

deficiente hetero-estimulação de certas funções psíquicas, o objectivo do tratamento será permitir a possibilidade de uma hetero-estimulação através de apropriadas modificações do dispositivo analítico que contemplem intervenções em que os fenómenos visuais e sonoros sejam actuates ; por outro lado será importante que o terapeuta se determine a simbolizar no lugar do paciente quando este se encontra em situação de “morte psíquica” traduzida por uma vivência de vazio.

Consideramos que a especificidade do setting grupanalítico potencia processos de comunicação e envolvimentos emocionais que são passíveis de desencadear fenómenos de internalização e introjecção de carácter primário que não passando necessariamente pela exigência prévia do insight e da interpretação abrem a possibilidade de reparação e que no grupo terapêutico os pacientes poderão vivenciar experiências corretivas pelo aproveitamento pelo grupanalista dos aspectos estruturantes do olhar (Neto, 2002) e das palavras (consideradas estas no seu sentido físico e afectivo de corpos cujo valor reside no ritmo, no timbre e na forma de articulação, isto é, entendidas pelo seu ângulo sonoro).

Trata-se de não se reduzir a transferência ao discursivo e à lembrança de acontecimentos da infância, mas de se ter em atenção a exploração de pequenos gestos, manifestações do corpo ou da voz, intensidades afectivas como expressão das primeiras formas das experiências subjectivas anteriores à aquisição do verbo e intimamente relacionadas com vivências corporais nos processos iniciais de estruturação do aparelho psíquico. Então a eventualidade de se dispor de procedimentos que perante a ausência de insight analítico possam conduzir ao retomar do desenvolvimento bloqueado em níveis da pré-linguagem poderá viabilizar posteriormente a prática de intervenções em registo simbólico e cognitivo.

O olhar do grupanalista registando pequenas percepções que o afectam e lhe produzem sentidos embora sendo a-significantes do ponto de vista da estrutura linguística abre caminho a uma possível sintonia na relação, capaz de

desencadear um processo introjectivo e criador, em que se mobilizam e se transmudam afectos e padrões relacionais - admito que de algum modo a situação possa ser comparável aos processos afectivos subjacentes às introjecções e identificações feitas pelas crianças em período pré-verbal. O que descrevo parece-me estar em sintonia com os achados da neurociência cognitiva e corresponde de algum modo a uma tentativa de relacionar fenómenos psíquicos com processos neurológicos.

A neurociência cognitiva admite a existência de um conhecimento que ocorre já no 1º ano de vida sob uma forma não-verbal (não simbólica) e armazenado como memória implícita - o conhecimento relacional implícito. Baseando-se no estabelecimento deste conceito, D.N. Stern e colaboradores (1998) propõem um modelo de acção terapêutica, aplicável em psicoterapias dinâmicas admitindo que em certos momentos no decurso da terapia (momentos de encontro) o conhecimento relacional implícito possa ser modificado, sem que para tal tenha havido necessariamente participação interpretativa.

Acentuo aqui que na sequência do acesso aos avanços nas neurociências estas têm servido de suporte ao estabelecimento de modelos terapêuticos: uns, não interpretativos como, os de D.N. Stern (Stern e colab., 1998) e outros interpretativos, como os preconizados por P. Fonagy (1999).

Quando o paciente está muito regredido a comunicação do terapeuta num registo simbólico é-lhe por vezes incompreensível como acentuou Balint e mais ainda, poderá gerar confusões, a confusão de línguas – descrita por S. Ferenczi, o que significa que se está trabalhando na zona da lacuna básica (Balint, 1977).

Na situação descrita e face a um setting grupal dever-se-á valorizar a interacção de entidades com integrações diferentes (a dupla grupanalista/paciente e grupanalista/grupo) tendo-se em atenção o estabelecimento de uma relação empática à qual está necessariamente adstrita a complementaridade dos vínculos de conhecimento e de



reconhecimento (Dinis, 2000). As características pessoais do grupanalista serão fundamentais e acentuo o estabelecimento de interacções visuais estruturantes e o manejar da palavra na sua dimensão física e afectiva têm valor terapêutico.

O que se impõe então é uma adaptação suficientemente boa do grupanalista como nos refere D.W. Winnicott (1947,1954,1955/1978), as características do setting e do analista serão importantes. A situação introjectiva poderá processar-se sem prévia interpretação sendo potencialmente geradora de mudança. Para H. Kohut (1984/1989) o que é primordial para a mudança é a internalização transmutadora que ocorre na condição de ao paciente ser proporcionado um objecto relacional que prima pela autenticidade e pela empatia. A autenticidade reside na necessidade de consonância entre o que é comunicado não verbalmente e o que se verbaliza e se interpreta. Exige do terapeuta sensibilidade, maturidade afectiva e conhecimento aprofundado da teoria e da técnica. Esta postura não conduzirá à satisfação das necessidades do paciente mas à verbalização e compreensão das mesmas. O que não se deverá fazer é interpretar as reacções às frustrações como distorcidas ou mal adaptativas, mas antes como reacções compreensíveis e em resposta a falências empáticas dos objectos cuidadores no decurso do desenvolvimento e que se repetem na sessão terapêutica (Bacal, 1985).

As interpretações auxiliam o ego a modificar os processos introjectivos determinando a natureza do que é introjectado e eliminando os mecanismos que impedem as introjecções como J. Strachey assinalou (Cortesão, 1998/2008). As interpretação processam-se ao nível do simbólico-verbal e intencional e são trocas cognitivas que assentam em estruturas cerebrais diferenciadas acentuaram que o que é determinante de mudança estrutural é o processo introjectivo propiciado pela actividade interpretativa.

Porém o processo introjectivo existe e actua na independência do insight analítico facto que torna compreensível a recuperação de desenvolvimentos perturbados nas condições naturais de vida, mesmo sem a actuação de interpretações , e sem se ter consciência do processo. Recordo que o

desenvolvimento de uma criança faz-se em parte silenciosamente por processos de identificação não conscientes. O próprio Freud afirmou que a psicanálise nada poderia realizar em condições favoráveis, o que não pudesse ocorrer de moto próprio (Freud, 1912/1969).

Recordo a propósito que D.R.W. Fairbairn (Celani, 1993; Fairbairn, 1929/2000) embora conduzindo a acção terapêutica numa fundamentação da técnica psicanalítica ortodoxa apontava o valor mutativo do processo introjectivo constituindo-se por si só como mecanismo natural de cura. Mas Fairbairn era omissos quanto às condições que conduzem à “optimização” da introjecção do “ bom objecto” que admito estejam em íntima relação com a adequação mutuamente estabelecida entre terapeuta e paciente num reconhecimento afectivo recíproco ocorrendo no campo da relação implícita partilhada, algo que terá a ver com o aspecto descrita por Stern e por ele designado por “momento de encontro” - situação que pode ocorrer sem interpretação e que conduz a mudança por alteração do conhecimento relacional implícito.

Entendo que pelas especificidades do setting grupanalítico estão criadas condições que devidamente aproveitadas permitem a possibilidade do manejo terapêutico dos fenómenos na área da lacuna básica. O grupanalista relacionando-se com autenticidade e empatia poderá criar condições que proporcionem a ocorrência de processos introjectivos inconscientes com potencialidade transmutadora, com reflexos ao nível da viabilização de novos circuitos neuronais- o processo de mudança ocorrerá a nível inconsciente num terreno relacional de partilha de afectos em registo de compreensão empática e tendo como desencadeante comunicações do analista suportadas pelas características do olhar e pelos aspectos físicos da palavra .

### **Concluindo:**

Avaliar em toda a sua extensão o poder da palavra em grupanalise passa por um complexo caminho de abordagem multidisciplinar das mais diversificadas áreas como as ciências do comportamento, do desenvolvimento, da

investigação dos processos de vinculação, da relação precoce, da etologia, da comunicação e das neurociências entre outras.

Ao longo deste trabalho procurei realçar a importância de agentes terapêuticos no *setting* grupanalítico que embora não interpretativos conduzem à mudança. O reconhecimento deste facto não reduz o valor da interpretação mas acentua a necessidade de reconhecimento de outros factores capazes de produzir mudança psíquica actuando a nível inconsciente o que amplia significativamente o reportório terapêutico. Este facto é para nós tanto mais importante quanto verificamos que aos grupos têm acesso patologias de fronteira em que a relação precoce foi perturbada por falhas empáticas que determinaram bloqueamentos ao nível da capacidade de significar e de simbolizar.

De considerar também que a abordagem terapêutica dos fenómenos subjacentes aos processos comunicacionais num nível pré-verbal, e que resistem às interpretações conduz à necessidade de estudo e de investigação das condições de desencadeamento dos processos introjectivos inconscientes bem como ao apuramento de técnicas que promovam a passagem dos acontecimentos físicos e de acção para os acontecimentos mentais.

#### **Resumo:**

A autora acentua a importância do reconhecimento de agentes de mudança do funcionamento psíquico, não interpretativos, actantes a nível inconsciente e decorrentes das características específicas do *setting* grupanalítico são factores ao nível da comunicação pré-verbal possibilitados pelo contacto visual existente no *setting* grupanalítico. O facto descrito não reduz o valor da interpretação mais, constitui-se como factor adicional à acção terapêutica.

**Palavras Chave:** Contacto Visual, Estado-limite, Grupanálise, Interpretação Psicoterapia Analítica de Grupo.

### Summary:

The author emphasizes the importance of recognizing the non-interpretative changing agents of the psychological functioning, which act in the unconscious level and derive from the specificity of the group-analytic setting: These are factors of the non-verbal communication stage due to the visual contact in the group-analytic setting. It does not diminish the value of the interpretation. Instead, it is an additional factor to the therapeutic action.

**Key-words:** Border-line, Group Analysis, Group Psychotherapy, Interpretation, Visual Contact.

### Referências Bibliográficas

- Anzieu, D. (1976). "L'enveloppe Sonore du Soi" dans le livre "Narcisses". (Ed.) Gallimard, Collection Folio/Essais, Paris.
- Bacal, H.A. (1985). Object –relation in the group from the Perspective of Self Psychology. *Int. J. Group Psychotherapy*. October:35(4).
- Balint, M. (1977). *Le Défait Fondamental*. (Ed.) Payot, col. Petite Bibliothèque, Paris.
- Celani, D.P. (1993). *The treatment of Borderline Patient. Applying Fairbairn Object Relation in the Clinical Setting*. (Ed.) Int. Universities Press, Inc., Madison:Connecticut, USA.
- Cortesão, E.L. (1998/2008). *Grupanálise Teoria e Técnica*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Grupanálise (2ª edição), Lisboa.
- Dinis, C. (2000). *Da Comunicação à Interpretação em Grupanálise*. *Revista de Grupanálise*, da Sociedade Portuguesa de Grupanálise, Lisboa.
- Eissler, K. (1953). The effect of structure of the ego in psychoanalytic treatment. *Amer. Psychoanal. Ass*, 1:104.
- Fairbairn, W.R.D. (1929/2000). *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. (Ed. Vega), Lisboa.
- Ferreira, G. (2005). *A interpretação em Grupanálise*, *Revista da Sociedade Portuguesa de Grupanálise*, Lisboa.

- Fonagy, P. (1999). Memory and therapeutic action. *Int. J. Psychoanalysis*, 80:215.
- Foulkes, S.H. & Anthony, E.J. (1973). *Group psychotherapy. Method and principles.* (Ed.) Gordon and Breach Science Publishers Ltd., London.
- Freud, S. (1912/1969). *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise.* Edições Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol.XII, (Ed.) Imago, Rio de Janeiro, Brasil.
- Kohut, H. (1984/1989). *Como cura a Psicanálise?* (Ed.) Artes Médicas, Porto Alegre, Brasil.
- Leal, M.R. (1990). *Porque resulta a grupanálise?* *Revista da Sociedade Portuguesa de Grupanálise* nº2 (1ª série), Lisboa.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1975). *Vocabulário de Psicanálise.* Moraes (Ed.) (2ª edição), Lisboa.
- Nava, A.S. (2005). *Empatia e grupanálise (uma abordagem integradora).* trabalho apresentado para membro titular da Sociedade Portuguesa de Grupanálise, Julho 2005, Lisboa.
- Neto, I. (2002). *To see and to be seen: one “added value” of Group Analysis.* Comunicação apresentada no 12<sup>th</sup>. *European Symposium in Groupanalysis*, Bolonha, Itália.
- Stern, D. N. e col. (1998). *The something more than interpretation.* *The Int. Journal of Psychoanalysis*. 79:203-21.
- Strachey, J. (1934). *The nature of therapeutic action of psychoanalysis,* *Int.J.Psychoanal*, 17:61.
- Widlocher, D. (2000). *Amour primaire et sexualité infantile: un débat de toujours en Sexualité Infantile et Attachement,* (Ed.) PUF, Paris.
- Winnicott, D.W. (1947,1954,1955/1978). *Da Pediatria à Psicanálise.* (Editor) Francisco Alves, Rio de Janeiro, Brasil.